

Discurso de Saudação a Cândida Maria Santiago Galeno

OTÁVIO LÔBO

Reúne-se, neste momento, a Academia Cearense de Letras para receber, na qualidade de sócia efetiva, a CÂNDIDA MARIA SANTIAGO GALENO.

Coube-me o encargo do discurso de recepção. Sômente não digo, à maneira de cavaleiro medieval, que me é suave jugo parainfar a tão gentil senhorinha, em virtude da responsabilidade de falar perante esta Assembléia de escritores e poetas.

De algum tempo para cá, tôda vez que me dirijo ao público, sinto um constrangimento interior, uma luta entre o moço do passado e o homem do presente, de cabeça já nevada de cãs e contemporâneo do momento atual.

Percebo, realmente, o conflito entre um mundo que já vai longe e o mundo de hoje, entre a estabilidade da vida antes da primeira guerra mundial e a ansiedade dos dias correntes, entre a segurança e as fórmulas estabelecidas do comêço desta era e a inquietação e os imprevistos do descambar dêste meio dia do século, entre uma sociedade que me parecia hígida e esta *society* prenhe de frustrações e açoitada de neuroses, enfim, entre a serenidade do antanho e esta época que desmantela o átomo e brinca de jogar ao espaço satélites artificiais.

Em verdade, para quem nasceu antes das grandes conflagrações mundiais, o tempo de hoje se apresenta tão mudado, que não é comensurável com os padrões antigos.

A evolução científico-industrial, nesses últimos anos, de tanto ir à pressa, tem aproximado, no espaço, gerações que se distanciam, no tempo e no espaço, em muitos decênios.

Daí, o dilema, de molde shakespeariano, de por-se, presentemente, o problema: adaptar-se ou não adaptar-se. Daí, a interrogação, à maneira machadiana, sôbre se a mudança é de quem indaga ou dos tempos que perpassam.

Sem dúvida, hoje, mais do que nunca, vão mudando as coisas, os modos de viver, os hábitos, os costumes, a mentalidade, as expressões da arte, do sonho, do ideal. Tudo corre, em um mundo pequenino, em ritmo de ultra-som e ondas hertzianas. E há uma fome de libertação do que passou, do que era

fixo e seguro, nessa corrida para descobertas científicas, para novos ideais, para o imprevisito, para o sensacional, para o perigo, para o desconhecido. Prometeu não está mais acorrentado ao Cáucaso. Romperam-se-lhe as algemas e êle anda solto, a atear tôdas as cobiças na alma da humanidade.

“MUDARIA O NATAL OU MUDEI EU?”

Com a leitura dos contos e crônicas de CÂNDIDA MARIA SANTIAGO GALENO, a gente sabe responder à pergunta do esteta de “Dom Casmurro”:

— Tudo muda na contingência do Universo. Só permanece a expressão da arte, que é a alma incorruptível das coisas. Seria a vida um desencanto se o efêmero fôra perfeito. Que monotonia no planêta, se um dia estancasse a humanidade em perpétuo êxtase de paz e parassem as estações em eterna primavera! Afortunadamente, no cosmos, tudo se transforma.

Perene sòmente é a sensação de bem-estar que nos infundem as coisas simples, espontâneas e belas.

Êsses sentimentos universais, que independem de sistemas científicos, de teorias filosóficas, de escolas literárias, de tudo que se restringe a seitas, grupos e ritos, isso, sim, positivamente, não muda.

Onde quer que êles apareçam, haverá um estado emocional que lhes é correspondente, sempre o mesmo, em qualquer parte, em qualquer tempo.

E quem os experimente é, em verdade, esteta. É o caso de CÂNDIDA MARIA SANTIAGO GALENO. Quem leia os seus contos e suas crônicas, sente-lhe a claridade das coisas simples, a fluência das inspirações espontâneas e, sobretudo, a impressão de que reflete, sem grandes refrações, no que escreve, o vero estado da alma. As figuras de seus contos, o enredo de suas histórias, a psicologia de suas personagens fazem parte dessa humanidade que, no meio do prosaísmo do tempo, tem laivos românticos e veio de lirismo.

O seu realismo, sabe ela encobri-lo com aquêlo manto diáfano, que não é pròpriamente censura freudiana, mas atitude permanente do espírito. Os seus quadros são espontâneos e simples. Não mergulha ela nessas profundezas abissais da

alma humana, onde rugem paixões ferozes, onde rosnam e babam instintos enclausurados..

Lendo-se-lhe a obra, tem-se a impressão de penetrar em casa asseada, de janelas abertas, onde tudo é simples, arejado e polido: o vernáculo, o estilo, as motivações, as idéias, e a roupagem com que as idéias reveste, a qual ela, vera artista, talha com elegância e moralidade.

Árdua tarefa é o estudo da psicologia feminina. Verdade sediz, é oportuno sempre repeti-la:

Artistas que o sejam, as mulheres sabem verter, em prosa e verso, maravilhosamente, o que desejam, simulando e dissimulando o que não querem.

Algumas há, contudo, que, por serem de transparentes fios as teias que tramam, permitem aos psicólogos lobrigar-lhes a alma, como aquêlê poleá que

*“no rosto aberto
Das mulheres e dos varões,
Como em água que deixa o fundo descoberto
Via limpo os corações”.*

Minha impressão é que Nenzinha é uma dessas. Em tudo que escreve revela uma facêta do temperamento, um sainete do caráter, uma fagulha do espírito.

Não quisera, de qualquer maneira, mesmo porque sou péssimo perscrutador de almas femininas, fazer-lhe a psicologia.

Deixemo-la falar, e que os sábios de nossos dias lhe interpretem os segredos da escritura.

Anseios, aspirações, sonhos, CÂNDIDA MARIA os traslada para suas crônicas e contos. E os sonhos, dizem êsses senhores da ciência oficial do inconsciente, expressam a realização de nossos desejos. O que é preciso é traduzi-los.

Em “Almas que se disfarçam”, ela não disfarça o seu protesto contra alguém que a não entende.

Para compreendê-la, escreve, só um “escafandrista de almas, afeito a ver, não através do rosto e das atitudes fisionômicas, mas por uma minúcia, às vêzes mínima, por uma inflexão mais profunda da voz, por um reflexo de olhar menos vago que façam entrever uma nesga da alma verdadeira que lhe dorme no íntimo”. E quando êsse alguém lhe é mudo à música interior e indiferente à paisagem do espírito, vinga-se deliciosamente dessa alma que, embora *gêmea de sua alma*, contudo, lhe não vibra em harmonia.

“O Homem de Cinza”, trajado de cinza, é uma metáfora

com que exprime essa névoa, essa poeira que se antepõe aos sentidos de quem é incapaz de adivinhar-lhe a linguagem do coração.

E cinza é indiferença, é dúvida, é a côr dos restos da morte.
Memento homo quia pulvis es.

Contrastando com a simplicidade de seus temas, Nenzinha tem às vêzes a volúpia de movimentar as figuras de sua ficção em enredos que se desenvolvem, quase sempre, ao arrepio do que se deseja e se espera. É uma espécie de refração psicológica. Entre o mundo interior e a realidade objetiva, as idéias e os sentimentos, que se exteriorizam, se refrangem, como na Física, as imagens dos corpos, em meio líquido. Perdoem-me os sonhadores, os poetas essa comparação rasteira, pois, no mundo da psicologia feminina, aí também há muita coisa *que nossa vã filosofia ignora*.

Em "Presença", narra-nos CÂNDIDA MARIA o drama sentimental de Consuelo, essa mártir do amor mudo. A paixão por Armando arde-lhe o peito e dessa febre nada transparece, nem no gesto, nem no olhar.

Ciente do casamento e da felicidade de Armando, ela continua ainda mais apaixonada e mais taciturna. O martírio só lhe não deu a auréola de santidade porque lhe deixou, em carta póstuma, a revelação de amor.

"A Filha" é outro conto em que os fados — sempre uma circunstância adversa — contrariam a ventura de duas almas gêmeas que se completam, na expressão da escritora. É o caso de Flávio e Marina — êsses gênios harmônicos a quem a sorte traçou rumos diversos.

Ele, infeliz e arrependido, ela, conformada, mas dessa conformação que se emociona, se enleva e chora com saudade do amor perdido.

"Romance sem Palavras" é uma exaltação ao amor que se não realiza, no idílio do limpador de trilhos e da linda garôta Sílvia. Ela compraz-se em ser-lhe aurora; êle se conforma em ser o *bicho da terra tão pequeno*, do poema camoniano, conserto que contemple a sua estrêla. "Encontro de Inverno" fixa uma nesga da vida sentimental de Graziela. Em manhã de chuva, indo rua afora, abriga sob a asa de seu guarda-chuva uma pequenita que sobraça um cacho de flôres artificiais. Mas a criança era um símbolo de alguém que outrora a acolhera, sob a mesma proteção, em um dia de impertinente neblina. E êsse alguém se foi, deixando-a, assim, naquele enleio de quem fica a esperar.

Em "A Alma da Montanha" parece-me que CÂNDIDA MARIA se panteíza na argila, na rocha, na vegetação da serra, injetando-lhes a alma, ou melhor, sepultando, nos altiplanos anseios, exaltações, sonhos que lhe não foram compreendidos.

Não sei se os psicanalistas têm razão. Eles explicam: quando corremos atrás de uma ilusão que se não alcança, vem o sonho e realiza nossos desejos...

Quando se termina a leitura das crônicas e contos de Nen-zinha, têm-se a impressão, nesta trepidante civilização da máquina, do jacto, da energia nuclear, da cibernética, da neurose e greves coletivas, de quem vem de uma estação de repouso, em uma nesga de praia dos verdes mares bravios.

E por associação de idéias, sente-se que CÂNDIDA MARIA SANTIAGO GALENO, romântica e lírica, vem deslizando em pando barco e cantando:

*Minha jangada de vela,
Que vento queres levar,
Tu queres vento da terra
Ou queres vento do mar?*

Livino de Carvalho e Tomás Pompeu (*)

CÂNDIDA GALENO

*Santa Teresa de Jesus, os sinos
levam teu nome aos vales e às montanhas
e teu nome ressurge das entranhas
da terra, após, em lírios peregrinos.*

*Que não ouças as súplicas estranhas
das novenas e lânguidos violinos:
Ouve-me o verso! Falo-te dos hinos
que entendeste, tulipa das Hespanhas!*

*Para adorar-te me prosterno e humilho,
em vez do incenso, trago-te o tomilho
e o manto real do sol da Salamanca.*

(Discurso de posse na Academia Cearense de Letras)

*Venho em nome das almas das guitarras,
almas que entoando mil canções bizarras,
vão pela noite legendária e branca...*

É do poeta piauiense Jonas da Silva êste canto à tulipa das Hespanhas que ora faço meu. Não foi sem sobrada razão que escolhi para empossar-me na Academia Cearense de Letras o dia de Santa Teresa de Jesus, nome que tem na minh'alma dulcíssimas ressonâncias e me evoca, com tôdas as suas inesquecíveis lembranças, os meus dias de adolescente, vividos na cidade do Crato, no doce aconchego do Colégio de Santa Teresa. Ali, sob a devotada orientação das filhas de Santa Teresa, congregação fundada por D. Quintino, de saudosa memória, iniciei meus estudos e, a evocação dessa fase da minha vida não podia ficar esquecida, quando a ela devo o que hoje sou. Eis por que, nesta noite tão grata ao meu coração, volto o pensamento com ternura para o Colégio que tantos e tão assinalados serviços há prestado às gerações femininas do sul do Estado, e a êle rendo a minha homenagem.

O meu pensamento se volta com ternura e vai buscar entre os inúmeros professores que me foram mestres aquêles a quem não posso olvidar nesta hora de triunfo que com êles deve ser partilhado, pelo rumo que souberam imprimir à minha vida: Madre Couto, Madre Gonçalves, Dr. Alvaro Madeira, D. Ida Bilhar, Cônego Manuel Feitosa. Para com êste a minha dívida de gratidão é insolvente, pois, sendo professor de Português, foi o descobridor e incentivador da minha nascente tendência literária. O interêsse com que me corrigia as composições escolares, com que me indicava leituras e fornecia livros, a importância que me conferia dando-me a ler e apreciar suas produções poéticas, o desvêlo com que, ainda depois de saída do Colégio, continuou a acompanhar-me a evolução cá por fora, fazem-no credor de um lugar de paraninfo nesta noite de minha recepção na Academia.

Mas, o meu querido professor de Português, Cônego Feitosa, não está sozinho, não é o único a ser conclamado pela minha gratidão e pela minha saudade para esta noite de festa. Ao seu lado deve pairar também o espírito de meu Pai. Se vivo fôsse êle, ufanar-se-ia mais êste meu triunfo do que eu própria, pois, em tôda a sua vida inglória de magistrado que viveu e morreu a percorrer comarcas dos sertões cearenses, nada o preocupou tanto como a educação dos filhos. Possuindo fa-

mília numerosa — éramos dez filhos — e vivendo exclusivamente dos proventos de magistrado honesto e íntegro, quantas vezes meu Pai ficou usando botinas surradas o ano inteiro, por que os recursos de que dispunha não davam para comprar novas e manter ao mesmo tempo os filhos internos em Colégio. Quando desapareceu do número dos vivos, éramos seis internos a estudar. E foi tão grande o seu sacrifício, sem que tivesse a compensação a que fazia jus tanta renúncia, que hoje eu trocaria de bom grado as galas desta festa pela mercê de tê-lo ao lado, para ver que não foi vão o seu ingente esforço.

Eis por que, além do insigne cultor da língua, Dr. Otávio Lôbo, estilista primoroso que, com a fidalguia da sua palavra, me recebeu nesta noite e a quem rendo o tributo da minha admiração e estima, hão de pairar neste ambiente o espírito do meu Pai e o do meu Professor Cônego Feitosa, que captaram os eflúvios da minha gratidão e da minha saudade imperecíveis.

Srs. Acadêmicos:

Cumpre-me, ao tomar posse da cadeira 35, para a qual a vossa magnanimidade me elegeu, cadeira patrocinada por Tomás Pompeu de Sousa Brasil e ultimamente ocupada por Carlos Livino de Carvalho, fazer o elogio dessas duas figuras do maior realce no panorama mental do Ceará. Começemos pelo último, para dar cumprimento ao preceito evangélico: os últimos serão os primeiros.

Carlos Livino de Carvalho nasceu no Recife, na rua Estreita do Rosário, em 17 de fevereiro de 1881, sendo filho legítimo e único do perito contador e Cel. da Guarda Nacional Francisco Livino de Carvalho e de sua mulher Ana Josefina Ribeiro de Carvalho. Infância e adolescência, passou-as na mesma cidade. Fêz preparatórios no Colégio Pritaneu, na rua do Hospício, e o Curso de Direito na Faculdade do Recife, bacharelando-se em 17 de março de 1902, quando dela era Diretor o Dr. Joaquim Tavares, sendo seus colegas de turma José Queirós, Barros Guimarães e Cunha Melo Filho, de Pernambuco, Sebastião Fernandes e Galdino Lima, do Rio Grande do Norte. Turma pequena, em virtude de os seus componentes terem feito 2 anos num, o que naquela época era permitido.

Augusto Vaz, Sofrônio Portela e Tito Rosa foram os seus professores.

Concluído o curso, Livino de Carvalho tratou de pôr em dia os negócios do coração — já andava enredado pelo amor da jovem Elvira de Meneses, que freqüentava a Escola Normal Pinto Júnior, onde se formou com 16 anos e foi nomeada professora da referida Escola. Como já se amavam havia dois anos, trataram de casar-se, o que ocorreu em maio de 1902. O casamento foi simples, realizou-se em Olinda, na capela de S. José dos Pescadores, oficiado pelo então vigário e mais tarde Primaz da Bahia, D. Álvaro Augusto da Silva. Era noite e chovia torrencialmente, sinal de sorte para os nubentes; noivo e convidados tiveram dificuldades em fazer com trajes enxutos o trajeto entre o Recife e Olinda. O bom prenúncio da chuva realizou-se na vida deles — foram felizes e viveram muitos anos: êle amou extremamente a espôsa, com quem celebrou 47 anos de casados e os 9 filhos que ela lhe deu, e dos quais estão vivos Maria de Lourdes Livino Pôrto Carrero, residente em Fortaleza, Fernando Livino de Carvalho, advogado e intelectual, radicado no Recife; Ari, Fiscal-Geral dos Comerciantes no Rio de Janeiro, e Euvaldo, técnico em eletrônica, todos quatro a continuar galhardamente a tradição de cultura e integridade moral legada pelos pais.

Formado e casado, Livino de Carvalho tratou de instalar, em 1904, em Carpina, com um colega, Alfredo Bittencourt, o "Colégio Sete de Setembro", onde estudaram, como alunos internos, Assis Chateaubriand e seus irmãos Jorge e Osvaldo. O mestre recordaria pelos anos em fora o fulgor da inteligência do grande às do jornalismo brasileiro, que foi seu aluno em Carpina, e a quem dedicou sempre inalterável estima.

O "Sete de Setembro" teve duração efêmera, menos de dois anos. Desfeito o Colégio, Livino viajou para o Rio de Janeiro, onde permaneceu alguns meses. De volta, foi convidado para ser Juiz em dois pontos extremos e opostos do país: Amazonas e Santa Catarina, não aceitando nenhum dos convites. Em novembro de 1907, foi nomeado Juiz Municipal de Barbalha, no Governo do Dr. Accioly. Nomeado Juiz de Direito do Crato, ali permaneceu por mais de 2 anos. Estava-se no tempo do Governo de Marcos Franco Rabelo e intensa onda de oposição lavrava por todo o Ceará, especialmente no sul do Estado, onde o Dr. Floro Bartolomeu da Costa, que voltava do Rio de Janeiro, acompanhado do Dr. José de Borba Vasconcelos, instalou o quartel-general da oposição ao Governo. Livino de

Carvalho escreveu excelente trabalho — “A Tomada do Crato” (1) onde descreve com muito vigor de expressão e abundância de minúcias êsses fatos. Como Juiz de Direito, teve que permanecer à frente da Comarca, sendo um dos poucos moradores da cidade que não abandonou a casa e ainda “abrigou vários rabelistas que não quiseram ou puderam fugir corrente a luta”.

Foi com pranto na voz e no olhar que D. Bidon me relatou algumas passagens da vida do marido, quando Juiz no interior, os perigos que arrostou por não abdicar da sua dignidade de magistrado íntegro em favor de nenhuma conveniência pessoal ou partidária. No exercício das suas funções, êle era austero, sem deixar de ser humano, o que se evidência sobrejamente através dêste fato que me foi relatado por ela: Certa feita, um criminoso de 7 mortes, alcunhado de Zé Pequeno, fôra prêso na Serra de São Pedro e trazido algemado de mãos e pés para a cadeia do Crato. Muito maltratado pelas algemas, êle mandou pedir ao Juiz que o livrasse delas. O pedido alarmou a guarnição do presídio em face da alta periculosidade do suplicante. Não obstante isso, Livino de Carvalho mandou tirar ao prêso as algemas. Qual não foi a sua surpresa quando, por ocasião da tomada do Crato, os romeiros lhe batem à porta e, ao abri-la, o Juiz depara-se com Zé Pequeno a comandar o grupo. Criminoso e magistrado defrontam-se e o primeiro bate em retirada, não sem antes ter dito: — O Dr. mora aqui? Pois fique certo de que a sua casa está garantida.

Naquela ocasião de subversão da ordem aconteceu o inesperado — a casa do Juiz foi guardada e defendida espontaneamente pelo temível Zé Pequeno, que não esquecera o alívio que lhe proporcionara a retirada das algemas.

No Crato se encerraria o perigrinar de Livino de Carvalho pelas comarcas do interior, pois, em 1914, era nomeado Juiz de Direito de Casamentos e do Registro Civil de Fortaleza. Nesse pôsto êle casou meio mundo — Dr. Eliezer Studart da Fonseca e D. Ester Salgado foram casados por êle e quanta gente mais!

Livino de Carvalho integrou-se de tal maneira na vida cearense que, solicitado a aceitar, no Recife, sua terra natal, o cargo de Desembargador, recusou-o, mas com êle foi distinguido em 1933, no Ceará, já servindo interinamente no cargo, quando ocorreu a sua promoção. E quando, em 1941, afastou-se da vida pública pela aposentadoria, depois de mais de 30

anos de assinalados serviços prestados à magistratura cearense, eis como Eusébio de Sousa comenta o fato:

“Muito lhe honra a atitude do Tribunal de Apelação ao tomar conhecimento do requerimento em que solicitava, ao governo, aludida aposentadoria, resolvendo, pela unanimidade de seus pares, fazer um apêlo ao seu douto membro na desistência da mesma, sendo então designada, para entender-se com o desembargador Livino sobre o assunto, uma comissão composta dos desembargadores Leite de Albuquerque, Olívio Câmara e Daniel Lopes. Na sessão ordinária de 15 de setembro do aludido ano o Des. Livino de Carvalho expressou ao Tribunal os seus agradecimentos ao modo carinhoso que tivera para com a sua pessoa no propósito evidenciado, gesto por demais honroso para a sua vida de magistrado. Apresentou aos seus dignos colegas os justos motivos que o levaram a requerer a aposentadoria em aprêço, manifestando aos mesmos sua gratidão, com a reafirmativa de não lhe ser possível atender o pedido da Colenda Côrte de Justiça, pelas razões que expunha no momento.

Na sessão de 31 de outubro, o sr. Desembargador Olívio Câmara, aludindo à nomeação do Dr. Pontes Vieira para preencher a vaga do Desembargador Livino de Carvalho, teve, para com êste, palavras elogiosas, propondo, por fim, ao Tribunal, a inserção de um voto de aplauso ao mesmo pela sua atuação inteligente e proveitosa, durante o período de oito anos em que S. Excia. serviu no Tribunal à causa da justiça como juiz esclarecido, íntegro e trabalhador. Tal voto teve a aprovação de todos os demais desembargadores presentes à sessão, manifestando o Dr. José Pires de Carvalho a solidariedade da Procuradoria-Geral à deliberação do Tribunal.

De grande significação para a sua vida funcional é o seguinte telegrama firmado pelo Sr. Major Roberto Carneiro de Mendonça, ao ter conhecimento da aposentadoria do Desembargador Livino. Quando Interventor Federal, o Major Carneiro de Mendonça sancionara e dera execução à Lei n. 1 007, aumentando de mais dois o número de desembargadores do Tribunal de Apelação, tendo então contemplado o digno magistrado com a nomeação para um dos ditos lugares, ato recebido, pela sua justeza e acêrto, com expressivas demonstrações de regozijo.

“Rio, 28 — setembro, 1941 — Desembargador Livino de Carvalho — Fortaleza — Recordando, com prazer, aplausos recebidos quando promovi sua elevação Tribunal Justiça, la-

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

mento judiciário cearense esteja privado brilho sua colaboração. Cordialmente, Carneiro de Mendonça." (2)

* * *

Falei-vos até agora de Livino de Carvalho como homem público, no exercício da árdua tarefa de magistrado, mas não se resume nisto a existência de uma criatura. Não vos disse ainda que êle "foi poeta, sonhou e amou na vida". E é pena que dos seus versos, publicados na imprensa, só possua para mostrar-vos êste soneto:

A V E M A R I A ;

*Ave Maria! excelsa de candura!
Cheia de graça, amor e sofrimento,
Outorga-nos teu mago valimento
E a nossa dor modera, a nossa agrura.*

*A luz criadora em ti se fêz alento,
Oh! flor do céu, de tôdas a mais pura,
E das virgens bendita pela alvura
Do leito em que vagiu um deus-portento.*

*Mãe dos humildes, vela a nossa estrada
Cheia de urzes, desbrava-a e põe luz
Onde tateio e os olhos não vêem nada*

*Protege-nos, bendiz a nossa cruz,
Como eu bendigo a tua dor sagrada,
Teu doce, meigo e divinal Jesus!*

Homem de trato fidalgo, porte elegante e bela fisionomia, Livino de Carvalho tinha temperamento alegre e comunicativo, gostava da vida social, freqüentava clubes, sendo Diretor-Presidente dos "Diários", ao qual comparecia assiduamente. O Dr. Eliezer Studart, seu grande amigo e que privou longamente da sua intimidade, ainda conserva encantamento do convívio que mantiveram.

A política jamais o seduziu e os altos postos que galgou na vida — Secretário do Interior e da Justiça por duas vezes, Secretário de Polícia e Segurança Pública, Interventor Fe-

deral, não os deveu a ela, senão à sua integridade moral, talento e cultura.

O "hobby" predileto de Livino de Carvalho era a arte fotográfica: foi um dos fundadores da Sociedade de Fotografia e Cinema. Vi em sua casa álbuns com fotografias belíssimas por ele apanhadas — ora um quebrar de onda, ao alvorecer, surpreendido pela objetiva, na Praia de Iracema, ora os carnaubais da estrada de Mecejana, a refletirem-se no espelho das águas; marinhas, chegadas de jangada à praia. Saraiva Leão foi seu companheiro dedicado e excursionaram juntos para apanhar flagrantes fotográficos surpreendentes.

Como homem de letras, não ficou circunscrito aos trabalhos de doutrina e jurisprudência. Tanto se dedicou ao jornalismo, dirigindo o "Correio do Ceará" em sua primeira fase e redatorando o "Estado do Ceará", como a estudos sérios, que o levaram a pertencer ao Instituto do Ceará. Seu trabalho A COUVADA, no domínio da antropologia, logrou tal destaque que o Dr. Afonso de Taunay, então diretor do Museu Paulista, solicitou ao autor permissão para incluí-lo nos ANAIS do referido Museu, com a oferta de uma separata.

A COUVADA, curiosa prática entre os nossos selvagens tupinambás, guaranis e outros, de guardar o marido o leito, quando a mulher pare e de ocupar-se dos cuidados do recém-nascido, bem como de receber agrados e demonstrações de alegria dos amigos e parentes, enquanto a parturiente, como se nada houvesse acontecido, desempenha normalmente os encargos domésticos, A COUVADA foi exaustivamente pesquisada em suas origens por Livino de Carvalho e o alto mérito desse trabalho pode ser avaliado por essa solicitação de publicação por intermédio do diretor do Museu Paulista.

Além d'A COUVADA e A TOMADA DO CRATO, há também o estudo EGASTENIA, incluído no livro que, reunindo os três trabalhos em aprêço, foi publicado ultimamente, no Recife, por seu filho Fernando.

Quando Livino de Carvalho, muito doente, procurou o Rio de Janeiro como última esperança, o destino armou-lhe ali curiosa cilada — professor e aluno que tão cordiais relações mantiveram em tempos idos, no Colégio de Carpina — Livino de Carvalho e Assis Chateaubrind reencontravam-se sob o mesmo tecto, na Casa de Saúde Dr. Eiras, em Botafogo, sem que um tomasse conhecimento da presença do outro. A gravidade do estado de saúde de ambos fez com que se ignorassem mutuamente.

A morte marcara com êles aquêlê encontro sinistro, do qual Chateaubriand salvava-se miraculosamente, enquanto Livino sucumbia em 8 de abril de 1960.

* * *

Nenhum lugar é mais próprio para tomar posse da cadeira 35, que tem como patrono Thomás Pompeu, do que esta Casa, em que êle viveu e que lhe tem o nome.

Ao lado desta sala era o seu gabinete de trabalho, onde escrevia e recebia quem quer que o procurasse. "Nesse tempo (é o Dr. José Pompeu, seu filho, residente no Rio, quem no-la descreve) havia no corpo da casa, imprimindo cunho próprio ao velho casarão, orquídeas e trepadeiras num espaçoso pátio interno, alpendrado por dois lados e assobradado pelos dois restantes. O quarto de meu Pai dava uma face para êsse pátio e a oposta para o quintal, inteiramente isolado no cocuruto, terceiro pavimento, das traseiras da casa. As trepadeiras ganhavam, viçosas, as paredes do sobrado, cobrindo-as com os seus festões; no alpendre, os pés de orquídeas, acolchoados de musgo em cestinhas e pedaços de madeira toscos, pendiam de fios paralelos de arames, corridos entre as pilastras. Uma destas que servia de ombreira a uma passagem para a sala de jantar, era florida de madressilvas e perfumada por um pé de baunilha. Um recanto poético, de luz coada, entre folhagens e flôres.

Houve tempo em que, abrindo uma linda clareira nas suas fadigas, êle transformou o quintal num vasto jardim cultivado por êle próprio, com cravos e cravinas em profusão e uma variedade de roseiras talvez nunca vista em Fortaleza. Enchiam-se bacias grandes de uma cravina branca dobrada, o seu orgulho pela beleza, tamanho e quantidade, sem falar em certas castas de rosas híbridas, de um fulgor e tamanho incomparáveis. Êsse jardim foi um sonho de repouso que não durou, entremeadado do pesadelo e luta com as formigas, e de uma quadra em extremo chuvosa que sobreveio e lhe apodreceu os craveiros, sem levar em conta os aborrecidos e infindáveis embargos aos seus exercícios de floricultura. Afinal, a ausência do jardineiro e o mais acabaram por destroçar o que se fizera com tanto gosto". (3)

E não gostava só de flôres, mas, também de música, como o próprio filho nos declara:

"Meu Pai gostava de música. Sentíamos quando estava

lendo ou escrevendo no seu quarto de ânimo repousado porque então se acompanhava a si mesmo trauteando um destes três trechos de ópera: "Le parlate d'amore, o cari fiori", do "Fausto" de Gounod, "A canção do aventureiro" e "Sento uma força indomita" do Guarani. Contudo, ainda com maior frequência, cantarolava "Vai marinheiro, voa ligeiro", de "Bocácio", a velha opereta, e sobretudo, a sua música predileta, "Penso", a bela romança de Tosti. Nesses momentos quando com tal disposição de ânimo largava o trabalho para fazer a barba e vestir-se, entrava a entoar, à meia voz, dando já inteiro desafôgo ao espírito, as palavras de uma destas duas canções divertidas: "Xô, xô, xô, garaúna" e "Que dê a chave que te dei para guardar?". Era muito afinado e via-se que, se soltasse a voz, seria barítono. Curioso nessas ocasiões, quando lá estávamos de temporada, era o dueto que então se formava entre a nora, no andar de baixo, e ele, no andar de cima. Julitta cantava, à bela voz, os trechos que ele apenas trauteava, e via-se como, aos poucos, se animava. Dizia depois, na sala de jantar, gentilmente, como aquilo lhe facilitava o trabalho." (4)

Falar de Tomás Pompeu é tarefa difícil sob vários aspectos: meio mundo já se ocupou da sua personalidade ímpar, já comentou sua obra vasta e erudita, já focalizou sua atuação destacada em campos os mais diversos — na política, no jornalismo, no magistério, na indústria, nas letras.

Farias Brito diz que: "se há entre nós homens, que verdadeiramente mereçam a veneração dos contemporâneos por atos de abnegação e patriotismo, por constantes esforços em bem da coletividade, e mais particularmente por sua decidida vocação pelas letras e perseverante aplicação ao desenvolvimento da ciência, entre estes ocupa, por certo, o Dr. Tomás Pompeu lugar eminente.

Com efeito, é ele dos poucos que em nosso país abraçam o círculo todo inteiro dos conhecimentos humanos, podendo-se dizer não só que é um espírito viajado por todos os ramos do saber, mas precisamente que tem os melhores elementos para constituir o exemplo raríssimo de uma ilustração enciclopédica. Era um trabalhador infatigável, uma cerebração vigorosa, uma das nossas inteligências mais fecundas, se bem que seja muito menos conhecido do que tantos outros em torno dos quais faz grande ruído a opinião pública nacional. É verdadeiramente o continuador da obra começada por seu pai, o ilustre Senador Pompeu; mas este era apenas uma glória cearense,

quando o filho é já uma glória brasileira, devendo ocupar um lugar de honra na galeria dos pensadores nacionais." (5)

Tendo cultura enciclopédica, Thomás Pompeu escreveu sobre todos os assuntos, como é fácil verificar através das suas obras: "Lições de Geografia Geral", "Fiscalização do Ensino Primário"; "Comércio e Indústria no Ceará"; "Assistência Pública"; "Memória sobre o Plantio da Maniçoba", "Irrigação no Ceará", "História Política do Ceará" e o "Dicionário de Pensamentos", em doze volumes.

Graças ao seu prestígio e fascínio pessoal exerceu os mais honrosos cargos: vice-presidente da Província, deputado à Asbléia Geral Legislativa, Diretor da Faculdade de Direito, Presidente da Academia Cearense e do Instituto do Ceará. Quando se verificou "o seu afastamento da política, do jornalismo, das pugnas doutrinárias em diversos campos, seguiu-se o seu mergulho definitivo no magistério, em que se devotou intensamente tanto aos problemas do ensino em geral como às suas aulas e aos seus discípulos.

Trabalhava com fé, para ver e palpar, na formação da mocidade — problema que tanto o apaixonava — não isso ou aquilo, não vanglória sua, mas determinado efeito, o *efeito positivo* da sua técnica educacional e do seu esforço. Logo, técnica, esforço, realização, eis a sua fé. Ou, em termos concretos e consagratórios: os seus discípulos, os seus melhores discípulos — eis a sua glória."

Assim é que, instado para escrever a biografia de Tomás Pompeu, seu filho, Dr. José Pompeu, residente no Rio, confessa a sua pretensa incapacidade num trabalho interessantíssimo que intitulou: "PORQUE O FILHO NÃO ESCREVE A BIOGRAFIA DO PAI", que enviou a Conceição Squesa, graças a quem pude lê-lo, e no qual êle diz: "Não são os seus filhos, são os seus discípulos que melhor poderão dizer de meu Pai, pois a êles é que verdadeiramente se deu de corpo e alma.

"Para os discípulos êle abria as portas do seu espírito, de par em par, segundo dizem, também abrindo, como aos filhos, as do seu coração. Tivesse eu recebido as suas lições, assim abertas, assim francas (pois dizem que fazia questão de ser objetado), e estaria em invejáveis condições para dizer do seu espírito e das suas realizações.

"Dei-me com um dos seus alunos, Valdemar Falcão, que duas vêzes me falou de meu Pai como de um mestre extraordinário, que não se limitava a ensinar, mas queria influir na formação de bons hábitos intelectuais e morais. Em viagens

de mar, tive mais de uma vez contacto com ex-alunos da Escola Militar do Ceará, que também se mostravam encantados com o mestre que lhes tinha sido meu Pai. Uma nota interessante: todos, sem discrepância, gabavam, com os mais rasgados elogios, a distinção de maneiras de meu Pai e frisavam o fascinante atrativo do seu ar finamente intelectual. Diziam que guardavam viva na memória a sua maneira de olhar através das lentes com reflexiva agudeza, e de um gesto seu, quando se animava, de erguer luminosa a fronte e a mão alisando para trás os cabelos, e alguns chegavam mesmo a lhe imitar o olhar e o gesto num interessante assomo de distinção." (6)

E não foi só aos alunos que conseguiu impressionar, acrescentarei eu.

Minha tia Julinha contou-me que, quando Tomás Pompeu ia visitar meu avô Juvenal Galeno, de quem era grande amigo, ela, que naquela época era menina e a quem eles não ligavam a mínima importância, ficava na sala, a olhar deslumbrada para a bela figura de homem que ele era, e todas as vezes que a visita se repetia o encantamento dela era o mesmo. Admirou-o, amou-o mesmo, despercebidamente, na sua ingenuidade de criança fascinada pelo atrativo do seu ar finamente intelectual.

Atendendo à advertência do Dr. José Pompeu, de que ninguém como os seus alunos conheceram Tomás Pompeu, tive curiosidade em interrogar alguns deles e são muito eloquentes os seus depoimentos. Diz Adonias Lima:

"Como professor, tinha formidável erudição, do que é atestado sua biblioteca fantástica, hoje doada por seus filhos aos Instituto do Ceará. Suas aulas eram extraordinárias: claras, eruditas, perfeitas.

Quando escrevia, excedia-se em citações e alguém, aludindo ao fato, teve dele a seguinte justificativa: "Se o que pretendo dizer já foi satisfatoriamente expresso por outro, nada mais me resta do que citá-lo."

Cruz Filho não foi seu aluno, mas do convívio com ele guardou esta impressão:

"Figura ereta e nobre, que conduzia em si a cultura do seu século, Tomás Pompeu deixou-me duradoura impressão. Já escrevi algures que teria sido um dos maiores homens nascidos no Ceará.

Afigurou-se-me sempre em sua individualidade física, moral e mental certa semelhança com a do polígrafo português Teófilo Braga. Teria Tomás Pompeu menos aspereza na

expressão, mas a mesma austeridade mesclada de um laivo de doçura polida.

Guardo dêle a melhor recordação, semelhante àquela que manifesta Renan com relação a Marco Aurélio e Antonino Pio."

Henriqueta Galeno foi sua aluna e inúmeras vezes veio ao seu gabinete consultar o mestre. "Os alunos, confessou-me ela, tinham-lhe mais do que respeito, entusiasmo, dado o seu fascínio pessoal.

Era um grande professor, tinha solidíssima cultura e capacidade de transmiti-la. Gostava do convívio da mocidade e preenchia os intervalos entre uma e outra aula palestrando com os alunos, a quem franqueava seu gabinete de trabalho e sua biblioteca. Que os consultassem, quando sentissem qualquer dificuldade ou deficiência."

Esta assertiva de minha tia Henriqueta foi secundada pelo Dr. José Pompeu, que assim escreve: "Depois do almoço, ao sair para as suas aulas, volta e meia ali de perto, da Escola Normal, num dos ângulos da praça quase contígua à nossa casa, ocorriam normalistas, suas conhecidas ou amigas de minhas irmãs, que o acuavam à porta da rua ou no vestibulo para as ajudar nos seus apertos escolares, ordinariamente nos seus exercícios de composição: — Dr. Tomás, uma sugestãozinha para isso?

— Outra, sim?

— Mais outra, Dr. Tomás!

— Oh! Dr. Tomás, escreva!

E êle, embora muito a contra-gôsto, vencido pela meiguice das meninas, não raro tomava nota, e as atendia, pedindo que estudassem o modelo e fizessem exercício próprio:

— Aqui tudo se pode mudar e se deve mudar.

E dava sugestões para as mudanças de acôrdo com as possíveis lembranças e os possíveis sentimentos de cada menina, lembranças e sentimentos que achava jeito de lhes inculcar ou avivar." (7)

Menezes Pimentel, aluno de Tomás Pompeu e depois seu colega de magistério, confessa:

"Tomás Pompeu foi indubitavelmente uma das raras figuras de valor moral e intelectual que tem possuído o Ceará e quicá o Brasil. Tive a honra de ser seu aluno e colega de magistério, na Faculdade de Direito do Ceará.

Como Mestre, nenhum outro o excedeu em erudição, saber jurídico, pontualidade no cumprimento do dever, gentis maneiras no trato com seus alunos e acendrado espírito de

justiça. Como colega, era de uma dedicação inexcedível. Quantos dêle se aproximavam, não só para ouvir-lhe os ensinamentos, mas notadamente para receber conselhos, eram fidalgamente acolhidos.

Ao influxo de sua palavra fluente e persuasiva, de efeitos altamente patrióticos, sentiam-se encorajados para as lutas dignificantes do professorado, para a formação moral e intelectual de nossa mocidade.

No que tange à nossa terra, sempre deu sobejas provas de querer-lhe com devotamento. Era de ver o entusiasmo cívico com que se referia à produção de sua riqueza e ao bem-estar de sua coletividade. Tinha a preocupação constante de vê-la engrandecida num ambiente de paz, prosperidade e trabalho construtivo”.

Joaquim Pimenta, consultado por mim sobre Tomás Pompeu, assim se manifesta:

“Não fui aluno de Tomás Pompeu, nem tive com êle qualquer aproximação, já porque nunca houve uma oportunidade que nos aproximasse, já porque, sendo êle cunhado do Comendador Antônio Pinto Nogueira Accioly, eu mesmo procurava evitá-la, pois pertencia ao grupo de estudantes da Faculdade de Direito oposicionista à situação política dominante.”

Abramos aqui um parêntese no depoimento de Joaquim Pimenta, para uma explicação: Desde o quadriênio presidencial de Campos Sales (1898-1902), havia-se estabelecido, no Brasil, a então chamada “política dos governadores”, bastante nociva à República e aos vitais interesses da Nação.

De tal regime originou-se o “mandonato” governamental nos Estados, com uma oposição sempre crescente ao partido do Governo, que, em represália a essa atitude, costumava desmandar-se em hostilidades aos grupos adversos, a começar por negar-lhes representação no Senado e Câmara Federal e por erigir em princípio o processo do “crê ou morre”, com tamanha intolerância que não tardou a vir prejudicar os próprios interesses individuais de quantos não se submetiam ao mando da política situacionista.

No Ceará dominava nesta época o Comendador Antônio Pinto Nogueira Accioly.

Na então Faculdade Livre de Direito do Ceará havia um grupo de alunos que protestava contra êsse estado de coisas e não se cansava de manifestar a sua atitude hostil à governança do Estado e ao partido dominante.

Do grupo fazia parte, entre outros, Adonias Lima, Hermenegildo Pôrto e Joaquim Pimenta, a quem faço retornar a palavra:

"Entretanto, nós, "os dezesseis infelizes", como éramos chamados pelo órgão oficial do Govêrno, A REPÚBLICA, certamente por mais ardorosos e decisivos no combate, tínhamos pelo Dr. Tomás Pompeu a admiração e respeito tão espon-tâneos na mocidade pelos homens que reúnem nobres quali-dades de caráter a altos requisitos de cultura, excelso patrimô-nio de valores humanos que legam às gerações que a êles so-brevivem.

Ouvíamos falar com insistência que era um pensador emancipado de preconceitos e de dogmas, adepto da filosofia evolucionista em pleno florescer no Século XIX, que era tam-bém a nossa, sorvida na cátedra do saudoso mestre Soriano de Albuquerque.

A mim, quando o via passar pelos corredores da Escola, que era o andar-térreo do edifício da Assembléia Legislativa do Estado, já ancião, porém erecto e pisando firme, parecia um homem sisudo, austero, de hábitos requintados, aristocrá-ticos, talvez por ter sido educado ao tempo em que, sob o re-gime monárquico, era a classe letrada um prolongamento ar-tificial da nobreza de sangue.

Se é tão restrito o meu depoimento, em compensação há um fato sôbre o qual ainda posso depor, com a nitidez com que, há mais de meio século o retive na memória e também no coração. Para mim êle vale mais do que tôdas as preleções, tôdas as conferências e discursos que tenha proferido em tôda a sua longa existência o Dr. Tomás Pompeu de Sousa Brasil:

Nós, "os dezesseis infelizes" fomos informados de que se estava tramando no Palácio do Govêrno a nossa expulsão da Faculdade de Direito, pois ainda não estavam satisfeitos certos áulicos com a pressão que alguns professôres, aliás muito pou-cos, faziam sôbre nós nas bancas de exame.

Tratou-se, então, de conseguir do Diretor, que era o Dr. Tomás Pompeu, a não aplicação de tão drástica medida. E a resposta foi:

— Os meninos são, de fato, rebeldes, mas são a fina flor da nossa mocidade acadêmica.

Só êste gesto exige a mão, divina e pagã, de um Miguel Ângelo, para esculpir a fisionomia moral e intelectual de um homem!"

E de um homem do porte mental de Tomás Pompeu não

se consegue estudar a personalidade, de facêtas multiformes, e a vida, de atividades tão diversas, no rápido apanhado de um discurso. Esta a razão por que me limitei a apreciá-lo como mestre cuja cultura e seriedade eram notórias. Não aceitava pontos facultativos e nem feriados não oficiais. Assim, comparecia sempre às aulas para assinar o ponto e fazer constar o seu protesto. Orgulhava-se de nunca ter faltado às aulas, ainda que atacado de gripe, febre e rouquidão.

O filho, já tantas vêzes citado, nega-se a escrever a biografia do pai, mas, não se exime, nas suas reminiscências, de traçar êste soberbo perfil de Tomás Pompeu:

“Meu Pai, como era natural no seu caso — economista, sociólogo e razoável filósofo — excelia sobretudo nas lições orais, não as escritas, de geografia humana, mais próprias a um educador para moldar caracteres e soerguer energias, e era só para educar e não por interêsse e vanglória que não arredava pé de sua terra, a não ser em viagens culturais, e se devotou de corpo e alma ao magistério. Excelia nelas com os seus copiosos dados estatísticos sempre em dia e manejados com atilado discernimento; os seus conhecimentos clássicos de economia política e de história, que também lecionou; o seu espírito corrente nas artes, nas letras, nas ciências filosóficas com larga base, larga informação psicológica; nas ciências sociais em correlação com as quais lecionou três ou quatro cadeiras de direito. Excelia nelas ainda, e no mais, com as suas faculdades claras, o seu senso crítico, a sua palavra fácil e o seu ar finamente intelectual que lhe vinha da sua lida constante com os estudos desde os tempos de sua mocidade, em que fôra um grande agitador de idéias num grêmio onde lá estavam, como no ôvo, Capistrano de Abreu, Rocha Lima, Tomás Pompeu e outros jovens, todos tumultuosos em período de gestação; com a assinatura de ótimas revistas culturais e a posse de vasta biblioteca, conhecida no Estado e franqueada aos estudiosos. E’ claro que não lhe faltavam assim os meios de fascínio para prender devotadamente os seus discípulos; para fazer dêles admiradores, êsses espontâneos e sinceros admiradores da sua cultura e do seu caráter também. Porque, para além de tudo isso, êle era essencialmente um homem de fibra, nitidamente recortado num fundo de princípios para êle inarredáveis.” (8)

Para corroborar esta assertiva vejamos o seguinte fato: Tomás Pompeu encontrava-se em Palácio, quando o engenheiro Morais Jardim, à frente do Govêrno, recebeu telegra-

ma noticiando a revolução, a queda da Monarquia e o Governo Provisório.

Leal aos seus princípios, esperou êle confirmação do Rio de Janeiro, para saber o que o seu partido havia resolvido, o que não demorou a vir — aconselhavam-no a aderir à nova ordem de coisas. Relutando em aceitar a nova situação, publicou no jornal de sua propriedade, a GAZETA DO NORTE, artigos de crítica ao republicanismo, os quais lhe valeram a má vontade oficial. Sob esta tensão de ânimo, seguiu para a Europa em 1890, lá encontrando-se com emigrados políticos, como Afonso Celso, Carlos Afonso e outros. Ao regressar, encontrou supresso o curso superior da Escola Militar, ficando êle em disponibilidade. E como lhe repugnasse a idéia de perceber vencimentos de um cargo sem trabalhar, requereu ao Governo, na primeira vaga do curso preparatório da Escola, um lugar para prestar os seus serviços, sendo atendido por Floriano Peixoto, que, prontamente o designou para a cadeira de geografia.

A fidelidade de Tomás Pompeu aos sentimentos monárquicos colocaram-no, por mais de uma vez, em situação melindrosa naquela Escola, tornando perigoso o exercício das suas funções magisteriais, sobretudo depois que Floriano Peixoto, a quem os estudantes daquele estabelecimento votavam quase adoração, conferiu a mais de cem dêles as insígnias de alferes. Julgaram-se, então, donos do mundo, exerceram domínio sobre a cidade, cuja polícia não ousava enfrentá-los. Quantas vezes, ao aproximar-se da Escola, era o mestre recebido por aclamações estrepitosas de — Fora a monarquia, viva a República — e passava sereno pelo meio da fila de estudantes que se agrupavam à entrada do edifício. Recebia ameaças, porque reprovava nos exames os rapazes que respondiam insuficientemente às questões do programa e continuava inabalável, a ponto de, ao ser avisado por um colega do risco que correia se comparcesse aos exames em determinados dias, porque os alunos alferes o desacatariam, respondeu-lhe: Sou um dever que se move, não recuarei.”

E, efetivamente, não recuou. Poucos anos depois, a Escola Militar do Ceará foi extinta e os seus professores postos em disponibilidade. Ainda assim, em disponibilidade, Tomás Pompeu sofreu prisão militar em Fortaleza, em dezembro de 1899, por manifestar em artigo sua fidelidade ao Imperador. O jornal A IMPRENSA, do Rio de Janeiro, do qual era Redator-chefe

Rui Barbosa, estampou na primeira página de sua edição de 18 de dezembro de 1899 o seguinte telegrama:

“Ceará, 17 — Conselheiro Rui Barbosa, Rio — Acabo de receber ordem de prisão, por 25 dias, do comandante da guarnição, unicamente por ter escrito um artigo, capitulado de propaganda monarquista. Foi o artigo escrito em comemoração do aniversário do falecimento do Imperador. Escrevi-o na qualidade de lente paisano da Escola Militar. Espero me defenda contra a prepotência. Tomás Pompeu.” (9)

O referido telegrama forneceu assunto para um artigo candente de Rui Barbosa, intitulado MENOS ZÊLO, em que reprova com veemência aquêlê abuso do poder e requer em seguida habeas-corpus em favor de Tomás Pompeu, ordem que foi concedida mesmo contra os votos de alguns ministros, como Manuel Murtinho, João Barbalho e Américo Lôbo. (10)

Era dessa enfibratura moral, dessa fidelidade às suas convicções e idéias o Patrono da cadeira 35, e nesta hora em que nela me emposso rendo-me ao fascínio que, a despeito de tantos anos decorridos, ainda hoje deslumbra aquêles que tomam conhecimento da sua grande vida ou se abeberam na sua obra opulenta.

Não quero chegar ao término dessa solenidade sem pedir-vos que me deixeis repartir com alguém aqui presente as galas desta noite. Pelo estímulo e incentivo que há dado, no Ceará, durante todos êstes anos, a todos os que cultivam as belas letras, ela bem merece o nosso reconhecimento público, a nossa gratidão. A ela, pois, a Henriqueta Galeno, entrego com efusão d'alma os loiros desta conquista.

Academia Francesa

CÉLIO MEIRA

Um dia, em 1873, Raimundo Antônio da Rocha Lima, fascinado pelas idéias liberais da “Escola do Recife”, fundou uma academia, na cidade de Fortaleza. Não lhe dera o título prosaico e bolorento de Academia do Ceará. Se assim o fizesse, teria incorrido, automaticamente, no êrro dos homens do pas-